

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DEBORAH KERE – ATÉ À ETERNIDADE
28 e 29 de maio de 2021

THE ARRANGEMENT / 1969-70 (*O Compromisso*)

um filme de Elia Kazan

Realização: Elia Kazan / **Argumento:** Elia Kazan, baseado no romance homónimo de sua autoria / **Direcção de Fotografia:** Robert Surtees / **Direcção Artística:** Gene Callahan / **Guarda-Roupa:** Theadora Van Runkle / **Música:** David Amram / **Som:** Larry Jost / **Montagem:** Stefan Arnsten / **Interpretação:** Kirk Douglas (Eddie Anderson), Faye Dunaway (Gwen), Deborah Kerr (Florence), Richard Boone (Sam, o pai), Hume Cronyn (Arthur), Michael Higgins (Michael), John Randolph Jones (Charles), Carol Rossen (Gloria), Anne Hegira (Thomma), William Hansen (Dr. Weeks), Charles Drake (Finnegan), Harold Gould (Dr. Liebmann), E.J. André (Tio Joe), Michael Murphy (padre Draddy), Philip Bourneuf (juiz Morris), Dianne Hull (Ellen), etc.

Produção: Warner Brothers / Produtor: Elia Kazan / **Produtor Associado:** Charles Maguire / **Cópia:** 35mm, colorida, versão original legendada em sueco e eletronicamente em português, 124 minutos / **Estreia em Portugal:** S.Luiz e Alvalade, a 29 de Maio de 1971.

*“O filme que eu extraí do meu romance *The Arrangement* significava mais para mim do que qualquer outro filme até então, pela mais simples das razões: era o mais pessoal”. É com estas palavras que Elia Kazan, na sua autobiografia (*A Life*), começa por se referir ao filme que vamos ver nesta sessão. Cinematograficamente inactivo desde 1963 e **America, America** (que era já um filme extraído de um romance seu e declaradamente autobiográfico), Kazan viveu a segunda metade da década de sessenta com um interesse cada vez maior pela escrita – uma paixão antiga a que só nesta altura Kazan conseguiu coragem para se dedicar descomplexadamente. Aliás, segundo confessou a Michel Ciment no documentário **Elia Kazan, Outsider**, Kazan sentia-se mais feliz “como romancista de terceira categoria do que como cineasta de primeira”. E, desencantado com o rumo tomado pela indústria americana (desencanto de que **The Arrangement** não deixa de dar conta), encontrava na escrita o substituto ideal para o “storytelling” que o cinema lhe permitia – com a vantagem, também confessada a Michel Ciment, de “só precisar de uma máquina de escrever”.*

O romance, que ficou pronto em 1966, nasceu quase por acaso. Conta Kazan que um dia se sentou à máquina e começou a alinhar recordações, pensamentos e sensações, sem qualquer espécie de auto-censura pois, em princípio, essas páginas

nunca seriam lidas por ninguém. Mas quando a série de apontamentos aparentemente desconexos começou a ganhar volume e coerência Kazan percebeu que estava ali a génese do romance onde, mais do que em qualquer outro sítio, poderia expôr-se e passar em revista a sua vida. Em termos pessoais (a relação com as origens gregas, com o pai, com as mulheres - as legítimas e as outras) e em termos profissionais (a carreira no teatro, a carreira em Hollywood, as alegrias e as frustrações a elas associadas). Surpreendentemente para o próprio Kazan o livro foi um *best-seller*, que levou a Warner Brothers a comprar os direitos e a propôr-lhe que dirigisse uma adaptação cinematográfica.

Kazan aceitou, mas arrependeu-se - *"depois desta experiência, decidi nunca mais fazer um filme em Hollywood"*. Nas suas memórias Kazan lamenta sobretudo não ter conseguido seduzir Marlon Brando (então já em "semi-retiro") para o papel principal, e ainda mais o facto de ter acabado por escolher Kirk Douglas: *"após dez dias de filmagens, percebi que tinha cometido um erro horroroso"*. Para Kazan a personagem principal devia aparecer *"derrotada de todas as maneiras possíveis (...) e Kirk tinha desenvolvido a imagem de um homem capaz de ultrapassar qualquer obstáculo"*.

O filme não foi muito bem recebido, mas não por essas razões. Do ponto de vista da produção, **The Arrangement** seria aparentemente um filme sem grandes riscos: um realizador famoso e habitualmente bem sucedido no "box-office"; um argumento extraído de um "best-seller"; um elenco com vedetas do calibre de Kirk Douglas, Deborah Kerr ou Faye Dunaway (então em alta na sequência de **Bonnie and Clyde**). Ninguém estaria à espera que Kazan desse à luz uma obra tão convulsa e rasgada, tão crua e sombria, e que fizesse uso de procedimentos formais tão pouco convencionais. A estrutura narrativa, assente numa complexa rede de flash-backs que se desdobra por vários tempos (não apenas "tempos cronológicos" mas também "tempos mentais"), parece ter confundido os espectadores. Mais importante do que isso, no entanto, é o facto de este ser um filme que não dá, ao espectador, nada a que se agarrar: a crueza do tom com que Kazan olha para as suas personagens (e que tem um correspondente ideal nos cromatismos gélidos da fotografia de Robert Surtees) corta qualquer ponto de fuga e qualquer esperança de apaziguamento. **The Arrangement** é, acima de tudo, um labirinto interior, por onde Kazan entra com a certeza de que a procura da saída será sempre uma tarefa dolorosa e dilacerante. Este é o filme em que Kazan "rasga" a sua vida aos bocadinhos (e há um plano assim, literalmente rasgado como se fosse uma fotografia), procede como se estivesse a "remontá-la" e a aproximar momentos cronologicamente separados, a encontrar ligações escondidas pela superfície do tempo. No fundo, **The Arrangement** é um exercício (auto-)psicanalítico (e a psicanálise era, nesta altura, muito importante na vida de Kazan): memórias e impressões avulsas, debitadas a uma cadência frenética, cuja plena decifração talvez nem o próprio cineasta seja capaz de efectuar.

Luís Miguel Oliveira